

# VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

## **O AGRESSOR NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: UM ESTUDO PSICANALÍTICO EXPLORATÓRIO**

Laisa da Silva Abade (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Hélio Honda (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

Contato: ra99527@uem.br

**Palavras-chave:** Psicanálise. Agressividade. Violência Doméstica.

Considerando a sociedade contemporânea, a diversidade das relações humanas e a psicologia como campo de estudo que se interessa pela constituição do indivíduo em sociedade, observamos os desafios de pesquisadores em tal área para teorizar sobre possíveis conflitos. Então, ao buscar por assuntos de interesse da psicologia foi observado que um tema recorrente no Brasil é o fenômeno da agressão doméstica, conflito que, além de injusto, mostrou a discriminação do gênero feminino em altos índices. Sobre a gravidade do assunto, o Senado Federal (2018) divulgou o total de registros de violência contra mulher em canais de atendimento no ano de 2015, e o número aferido foi de 749.024 atendimentos. Esses dados reafirmaram a importância de abordar o assunto em pesquisas e propostas de intervenção política.

Por esses motivos, o objetivo deste trabalho foi analisar a violência doméstica porém com um enfoque diferente, ou seja, o objetivo foi compreender o fenômeno da violência doméstica a partir da perspectiva do agressor. Essa escolha ocorreu porque, justificadamente, grande parte do que temos hoje divulgado faz menção aos sentimentos e à condição de vítima nesse processo, denunciando formas mais sofisticadas de perpetuação e manutenção da desigualdade de gênero. Mas é preciso também analisar esse fenômeno por outro ângulo, isto é, o do agressor.

Nesta perspectiva, o método utilizado para a investigação da psicologia do agressor foi a revisão bibliográfica de literaturas amparadas pela psicanálise acerca do assunto delimitado. Os materiais elencados foram: notícias, artigos científicos e divulgações estatísticas que permitiram contextualizar a magnitude do problema no Brasil. E, posteriormente, para a conceituação teórica foram utilizados manuais de psicanálise, artigos científicos e as obras clássicas da teoria psicanalítica, especialmente os escritos de Freud. Assim, delineamos os

## VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

conceitos centrais para fundamentar a pesquisa e o método para o desenvolvimento da discussão, nesse sentido, a agressividade foi um construto indispensável para compreender a violência doméstica. Por definição agressividade é:

Tendência ou conjunto de tendências que se atualizam em comportamentos reais ou fantasiosos que visam prejudicar o outro, destruí-lo, constrangê-lo, humilhá-lo, etc. A agressão conhece outras modalidades além da ação motora violenta e destruidora: não existe comportamento, quer negativo (recusa de auxílio, por exemplo), quer positivo, simbólico (ironia, por exemplo) ou efetivamente concretizado que não possa funcionar como agressão. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 11)

Inicialmente, apontamos que a agressividade não se restringe ao ambiente doméstico mas pode ser notada onde há a convivência humana, por exemplo, no trabalho, na academia ou em relações de amizade e familiares, onde se pressupõe uma relação de amor. Nesta perspectiva, Cruz e Ferrari (2018) colocaram em questão a máxima cristã “Ama o teu próximo como a ti mesmo” objetando que o amor humano é sempre condicional e assim os autores afirmaram que os laços sociais são antes agressivos e apenas pela renúncia desses impulsos é que as relações se mantêm. Portanto, a agressividade pode ser considerada inerente ao ser humano mas precisa ser controlada para não tomar proporções danosas.

Mesmo que a agressividade seja uma característica inerente ao ser humano, a agressão doméstica no Brasil tornou-se intolerável pelo alto índice de ocorrências. Observamos ainda que a maioria das ocorrências registradas aponta a mulher no papel de vítima da violência. Chiaretti e Tfouni (2012) assinalaram que a educação, desde muito cedo, pode agravar a naturalização do papel da mulher subordinada ao homem, contribuindo conseqüentemente, para um aumento de desigualdades e discriminação do feminino. Além disso, segundo o DataSenado (2017), o crescimento das agressões domésticas entre os anos de 2015 e 2017 despertou a preocupação de órgãos governamentais para amenizar o problema. Então, eis a questão: como compreender a agressão para intervir sobre o problema?

A partir deste questionamento, discutimos o tema da pesquisa com outras perguntas que foram norteadoras para toda o desenvolvimento do trabalho, as perguntas foram: por que o agressor agride? Em que situações essa agressividade se manifesta? E compreendemos que a agressividade frequentemente ocorre em relação, ou seja, em uma relação estabelecida por um vínculo de amor e que por algum motivo se transformou também em manifestações

## VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

agressivas. Então, tornou-se pertinente expor como a psicanálise postula o estabelecimento de vínculos amorosos.

Para Freud (2011) o enamoramento é o investimento objetal em algo que proporcione satisfação e quando esses investimentos perduram pode-se dizer que uma relação de amor foi estabelecida. Em outras palavras, o investimento objetal consiste em dispensar energia psíquica e direcionar afeto a representações ou ideias de pessoas ou coisas (objetos libidinais) que correspondem a algo ou alguém no mundo.

Entendemos que o amor precede a agressão nos relacionamentos amorosos e tratamos a agressividade como um sintoma neurótico que se desenvolve na relação. Então, para substanciar tal afirmação, recorreremos a noção de séries complementares presente nas *Conferencias introdutórias à psicanálise*, escritas por Freud em 1917. As séries complementares nos auxiliaram na compreensão de como uma relação amorosa pode tornar-se agressiva por frustrações e inibições no desenvolvimento sexual infantil. Sobre esse conceito, Freud (2014) nos disse que a articulação entre a frustração libidinal e a inibição do desenvolvimento por fixações pulsionais desempenha um papel importante sobre o desencadeamento das neuroses. Freud (2014) mostrou que quanto maior a fixação libidinal nas fases pré-genitais do desenvolvimento sexual infantil, menor o limiar de tolerância sobre as vivências desprazerosas ocasionais. Em contrapartida, quanto menos inibida e fixada a libido estiver em fases do desenvolvimento psicosexual, maior a tolerância aos acontecimentos desprazerosos ocasionais. Por isso, as pessoas com menor fixação libidinal podem ser menos propensas a desenvolver sintomas neuróticos, visto que conseguem lidar melhor com situações desagradáveis.

Nesse sentido, as séries (externas e internas) marcadas respectivamente pela frustração libidinal e por fixações da pulsão em fases pré-genitais podem desencadear sintomas neuróticos quando se articulam, nesse caso o sintoma neurótico é agressão. A frustração foi definida como o “Estado em que fica um sujeito quando lhe é recusada ou quando se proíbe a satisfação de uma demanda de origem pulsional” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.285). Já sobre a inibição do desenvolvimento libidinal, Freud (2014) disse que há a possibilidade de nem todas as pulsões atingirem seu destino final, como esperado no desenvolvimento sexual até a vida adulta. Então, pode ocorrer que as pulsões se fixem em fases anteriores ao esperado no desenvolvimento psicosexual infantil e assim contribuam para o baixo limiar de tolerância ao desprazer.

## VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

Diante do baixo limiar de tolerância ao desprazer, supomos um caminho para a explicação da agressão, qual seja: a possibilidade de um indivíduo desejar algo incompatível com as exigências da realidade e do ego. O ego, por sua vez, pode reprimir desejos sem permitir outras formas de satisfação ou sublimação. A partir disso, há a possibilidade de a libido regredir para fases do desenvolvimento infantil e até mesmo transpor as barreiras do ego passando ao ato, isto é, a ação agressiva. Em suma, o acúmulo de libido insatisfeita torna-se forte o suficiente para transpor as barreiras egóicas e descarregar a tensão por vias motoras.

Além disso, para adiante da frustração e de manifestações que escapam ao controle do ego, observamos outro recurso: a pulsão de morte. Embora, como aponta Laplanche e Pontalis (2001, p.407) esse conceito tenha despertado controvérsias entre os pensadores da psicanálise, os impulsos em questão foram um caminho alternativo para compreensão dos fatores pulsionais implicados na psicologia do agressor.

Laplanche e Pontalis definiram esse conceito como:

[...] uma categoria fundamental de pulsões que se contrapõem às pulsões de vida e que tendem para a redução completa das tensões, isto é, tendem a conduzir o ser vivo ao estado anorgânico.

Voltadas inicialmente para o interior e tendendo à autodestruição, as pulsões de morte seriam secundariamente dirigidas para o exterior, manifestando-se então sob a forma da pulsão de agressão ou de destruição (LAPLACHE; PONTALIS, 2001, p. 407)

Portanto, as pulsões de morte foram entendidas como impulsos que tendem ao retorno de um estado anterior, em última análise, ao anorgânico. No entanto, quando esses impulsos são destinados ao exterior podem ocorrer manifestações agressivas decorrentes das tendências à destruição (FREUD, 2011a, p.270-275). Nesse sentido, a pulsão de morte poderia constituir um agravante para as manifestações agressivas e por esse motivo precisam de controle.

Em última análise, a pesquisa pretendeu percorrer um dos possíveis caminhos para a compreensão do fenômeno, centrando-se primordialmente sobre as influências pulsionais atuantes na psique dos agressores. Contudo, a discussão pode não ter contemplado toda a complexidade do problema e por isso é importante que outras pesquisas surjam dando diferentes enfoques para o fenômeno estudado. Para pesquisas futuras, pode-se considerar as causas das frustrações do agressor, também é possível analisar formas de sublimação dos impulsos agressivos por lutas, esportes e outras atividades que proporcionem a satisfação da pulsão. E assim, atuem sobre os destinos pulsionais de modo menos danoso. Em trabalhos

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA  
ISSN: 2317-0018  
Universidade Estadual de Maringá  
29 a 30 de Novembro de 2018

posteriores, também pode-se considerar o fator cultural como conceito central para discutir a agressividade, pois sabe-se que as influências culturais modulam as relações humanas.

### Referências

BRASIL. Senado Federal. **DataSenado aponta aumento no percentual de mulheres vítimas de violência**, Brasília, jun. 2017. Disponível em:

<<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/06/08/datasetado-aponta-aumento-no-percentual-de-mulheres-vitimas-de-violencia>> Acesso em: 18 out. 2017.

CHIARETTI, Paula; TFOUNI, Leda Verdiani. "Evangelho das mães": genéricos discursivos em revistas femininas. **Rev. SPAGESP**, Ribeirão Preto. v.13, n. 1. 2012. p. 31-43.

CRUZ, Alexandre Dutra Gomes da; FERRARI, Ilka Franco. O INIMIGO NOSSO DE CADA DIA: UMA INTERLOCUÇÃO ENTRE PSICANÁLISE E DIREITO. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 169-180, ago. 2018.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu (1921). In:\_\_\_\_\_. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Obras completas, vol. 15. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras. 2011.

\_\_\_\_\_. "Psicanálise" e "teoria da libido": dois verbetes para um dicionário de sexologia (1923). In:\_\_\_\_\_. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. Obras completas, vol. 15. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia das Letras. 2011a.

\_\_\_\_\_. **Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)**. Obras completas, vol. 13. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Cia das Letras. 2014.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de Psicanálise**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SENADO FEDERAL. Os indicadores da violência. In:\_\_\_\_\_. Panorama da violência contra as mulheres no Brasil: indicadores nacionais e estaduais. n.2. Brasília: **Senado Federal, Observatório da mulher Contra a Violência**, 2018. p. 6-16.